

## Prosopopeia da 15ª Região

Querido diário mental, como de costume, evitarei o juridiquês, para que, caso exista alguém que consiga ouvir os meus pensamentos e ele seja um leigo, ainda assim me entenda.

Na segunda-feira, antes mesmo das 9h, vi uma cortada aqui na Barão de Jaguara, logo na entrada do estacionamento: descobri que eu também adoraria poder aplicar multas de trânsito. Quem sabe no futuro?

Durante o dia, a maioria das audiências foi sobre pejetização e direito a benefícios de CLT. Esta flexibilidade do mercado de trabalho está uma loucura. Ainda bem que eu já estou empregado.

Uma audiência, porém, foi bem interessante, por dois motivos. Uma empregada doméstica trabalhou mais de trinta anos na casa de um mesmo senhor e pedia que os benefícios dela fossem efetivados. Ele negava conhecê-la, então eu sugeri ao juiz que ele enviasse um oficial de justiça para tirar fotos da residência e que a senhora descrevesse tudo o que sabia sobre o sobrado. Causei um espanto que nem eu imaginava.

Anos atrás, era o seu neto quem esteve naquela sala em busca de uma indenização. Ele havia quebrado o braço na padaria em que trabalhou, ainda criança, mas ficou encantado com o tamanho dos meus corredores. Hoje ele foi, como falava, o “adêvogado” da própria avó.

A terça-feira, por outro lado, foi ainda mais longa. Uma multidão de homens e mulheres foi trazida pelo Ministério Público do Trabalho. O patrão, acusado de trabalho análogo à escravidão, tinha um rosto desagradável de se olhar e trouxe cinco advogados com ele. Fiz questão de fazê-lo confundir a janela com a porta de saída. Foi uma pancada e tanto.

Um dos trabalhadores me surpreendeu bastante durante a audiência. Acho que a cabeça dele ficou perturbada depois de tanto tempo naquelas condições de trabalho:

— Como é que nos chamam de escravos se nunca usamos uma corrente?

Na quarta-feira, descobri que também adoraria poder aplicar multas por descarte irregular de resíduos. A lixeira estava ao lado do banco e aquele infeliz jogou aquele papel de bala no chão três vezes seguidas! Já descontente com isso, vi-o colocando o chiclete mascado debaixo da mesa da recepção.

Vida de edifício é difícil.

Também tive a oportunidade de presenciar uma conciliação entre um furtador de marmitas e o seu empregador. Inacreditavelmente, ele roubava apenas a banana e a alface das marmitas. Os funcionários colocaram laxante nas bananas e na alface e ele quis abrir um processo. A cada dia, uma novidade.

Eu esperava que a quinta-feira fosse mais tranquila, doce ilusão minha. De manhã cedo, me deparei com duas senhoras e um rapaz discutindo na copa: quem teria direito à última xícara de café?

Depois do almoço, tivemos dois casos de greve que exigiam aumento proporcional à inflação. Às 15h, outro tipo de sentença, uma disputa acirrada entre sócios sobre quais bens pessoais seriam vendidos para quitar as dívidas trabalhistas após a falência da empresa. Neste dia, eu quase ganhei uma trinca em uma das minhas paredes.

Na sexta-feira, o polidor de vidros finalmente passou! Aquelas manchas de dedos estavam me dando uma taquicardia, por que não usam o puxador da porta? Sem contar o que aqueles pombos me fizeram...

Além disso, encarei duas situações bem antagônicas: uma colaboradora alegava ter sofrido assédio do empregador e exigia ser indenizada. Contudo ela havia mentido do início ao fim da sessão e foi obrigada a pagar os honorários do advogado do chefe.

Na sala ao lado, um caso semelhante, mas, infelizmente, ela dizia a verdade. Estive lá o tempo todo para garantir uma penalidade adequada.

Querido diário mental, foi uma semana e tanto! Mas garanti que a balança continuasse equilibrada.

Estas quatro décadas estão pesando sobre a minha coluna, ou melhor, colunas. Será que eu deveria fazer um bolo de aniversário em julho? Ou quem sabe um concurso ou algo do tipo? Vou pensar em alguma coisa...

Paulo Antonio Gallucci

Estudante